

UM EXERCÍCIO DE ENSINAR GEOGRAFIA NA SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO

AN EXERCISE TO TEACH GEOGRAPHY IN THE INFORMATION SOCIETY

UN EJERCICIO PARA ENSEÑAR GEOGRAFÍA EN LA SOCIEDAD DE LA INFORMACIÓN

Débora Conforto¹

¹Doutora em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Especialista em Informática na Educação e em Modelagem de Software Educacional pela PUCRS. Graduada em Ciências Biológicas pela PUCRS. Pesquisadora do Núcleo de Informática na Educação Especial da UFRGS. E-mail: deboraconforto@gmail.com

Bruno Nunes Batista²

²Doutorando em Geografia na Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Mestre e licenciado em Geografia pela UFRGS. Professor no Colégio Tiradentes de Porto Alegre – CTBM/PA. E-mail: brunonunes.86@hotmail.com

RESUMO

O ensino da Geografia deve promover estratégias pedagógicas para superar as heranças históricas que caracterizam essa área de conhecimento como descritiva e linear. Nesse sentido, uma das possíveis soluções que podem ser apontadas está no potencial das tecnologias digitais em promover ações que, ao mesmo tempo em que buscam qualificar a inserção de jovens na sociedade da informação, promovem uma ação docente que olha para o futuro, sem negligenciar o passado. Este artigo objetiva relatar a experiência pedagógica que ilustra o uso da tecnologia, em especial, de uma ferramenta usual em ambientes de Educação a Distância (EAD), mas pouco explorada na educação básica - o fórum de discussão, para mediar o debate sobre fatos marcantes da história brasileira, analisando o papel dos meios de comunicação de massa como elementos instituidores e organizadores da vida humana. Realizada em uma escola privada do Rio Grande do Sul, uma ação pedagógica explicita o movimento de aproximação de campos de conhecimento da Geografia e da Informática na Educação. Ao referendar o uso de um importante recurso tecnológico em seu potencial de promover a partilha de ideias e o desenvolvimento do pensamento argumentativo, estudantes do Ensino Médio passaram a refletir sobre a ação de recursos técnicos e das linguagens midiáticas em iluminar ou obscurecer, emancipar ou dominar as questões políticas, culturais e sociais na complexa Sociedade da Informação. Tecnologias digitais podem atuar como catalisadores de ações educativas para forjar sujeitos pró-ativos e críticos, com habilidades para beneficiarem-se das inúmeras possibilidades da contemporânea Cultura da Participação.

Palavras-chave: Ensino de Geografia, Sociedade da Informação, Tecnologias Educacionais.

ABSTRACT

The geography teaching should promote pedagogical strategies to overcome the inheritance stories that characterize this area of knowledge as descriptive and linear. In this sense, one of the possible solutions that can be cited is the potential of digital technologies to promote actions that seek to qualify the insertion of young people in the information society, promote a teaching action that looks to the future, without neglecting the past. This paper aims to report the pedagogical experience that illustrates the use of technology, in particular, of a usual tool in environments for distance education (E-learning), but little explored in basic education-the discussion forum, to mediate the debate about milestones in Brazilian history, analyzing the role of the mass media as founders and organizers of human life. Held in a private school of Rio Grande do Sul, a pedagogical action explains the motion of approximation of Geography knowledge and fields of computing in education. To endorse the use of an important technological feature in its potential to promote the sharing of ideas and the development of thought argumentative, high school students began to reflect on the action of technical resources and media in language illuminate or obfuscate, emancipated or dominate the political, cultural and social issues in the complex information society. Digital technologies can act as catalysts of educational actions to forge proactive and critical subjects, with skills to benefit from the numerous possibilities of contemporary culture of Participation.

Keywords: Geography Teaching, Information Society, Educational Technologies.

RESUMEN

La enseñanza de Geografía debe promocionar estrategias pedagógicas para superar las herencias históricas que caracterizan esa área de conocimiento como descriptiva y lineal. En ese sentido, una de las posibles soluciones que se pueden señalar está en el potencial de las tecnologías digitales para promocionar acciones que, a la vez que buscan calificar la inserción de jóvenes en la sociedad de la información, promueven una acción docente que mira hacia el futuro, pero sin descuidar el pasado. La experiencia pedagógica relatada en el presente artículo ilustra el uso de la tecnología, en especial de una herramienta usual en entornos de Educación a Distancia (EAD), pero poco explorada en la educación básica – el fórum de discusión – para mediar el debate entre hechos significativos de la historia brasileña, analizando el papel de los medios de comunicación de masa como elementos institutores y organizadores de la vida humana. Al acercar los campos de conocimiento de la Geografía y de la Informática en la Educación, un importante recurso tecnológico pasa a analizarse en su potencial de promocionar en compartido de ideas y el desarrollo del pensamiento argumentativo para que los estudiantes de la Enseñanza Media puedan reflexionar sobre la acción de recursos tecnológicos y de los lenguajes midiáticos para iluminar u oscurecer, emancipar o dominar las cuestiones políticas, culturales y sociales en la compleja sociedad de la información. Las tecnologías digitales pueden actuar como catalizadores de acciones para forjar a sujetos proactivos y críticos, con habilidades para que se beneficien de las innúmeras posibilidades de la contemporánea Cultura de la Participación.

Palabras clave: Enseñanza de Geografía, Sociedad de la Información, Tecnologías Educativas.

INTRODUÇÃO

As contemporâneas ferramentas computacionais estão transformando profundamente as ações educativas. A capacidade de ampliar, exteriorizar e alterar muitas funções cognitivas, como a memória, a imaginação, a percepção e o raciocínio tem, de forma inegável, afirmado o potencial dos sistemas digitais no desenvolvimento da inteligência individual e coletiva.

A interdependência e a interoperatividade de saberes que projetam sistemas digitais realizam-se pela intermediação entre conhecimentos e pela capacidade de fazer migrar competências. Esse dinâmico movimento impulsionado pela mutabilidade tecnológica, exige que o sistema educacional assuma novas obrigações, para assim, alinhar a escolarização às demandas da Sociedade da Informação.

O cenário sociocultural vem sendo desenhado pela ruptura com a recepção passiva da informação por meio da conquista da interatividade. Essa reconfiguração potencializada pela emergência dos recursos da Internet tem ampliado radicalmente as possibilidades de autoria e de protagonismo.

Dessa forma, o presente artigo tem como objetivo demonstrar, numa mescla de relato com discussão teórica, uma experiência pedagógica que elenca como campo de ação a Geografia escolar, e que visa a construção do conhecimento. Busca-se, na organização deste documento, dar a palavra aos estudantes do Ensino Médio, sujeitos que vivenciaram uma ação pedagógica de partilha de saberes pela interface da ferramenta fórum de discussão.

PRIMEIRA APROXIMAÇÃO: TECNOLOGIAS DIGITAIS, AS FERRAMENTAS COGNITIVAS DA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

A aparição de uma nova tecnologia da inteligência condiciona, sem com isso ser determinista, uma nova relação com o conhecimento. Qualquer reflexão sobre inteligência e aprendizagem deve apoiar-se na análise das mutações do saber, numa dimensão espaço-temporal, bem como, em seus reflexos sobre a coletividade.

A linguagem e a técnica contribuem para produzir e modelar o tempo, criando temporalidades sociais. Nas sociedades sem escrita, a palavra tem função básica na gestão da memória social. O sentido da aprendizagem é assegurado pela decisão dos ancestrais, por tradição. A ação e a participação do coletivo contribuem para definir o devir imemorial, ao mesmo tempo único e repetitivo, que faz o tempo assumir uma perspectiva circular.

Com o surgimento da escrita, a temporalidade circular passa a ser substituída pela longa perspectiva da história. A escrita reproduz, no domínio da comunicação, a relação com o tempo e o espaço que a agricultura havia introduzido na coletividade. Com ela, uma forma de comunicação radicalmente nova era instituída ao permitir a distância entre o autor e o leitor. O saber pôde desvencilhar-se parcialmente das identidades pessoais ou coletivas, conquistando objetividade e alcance teórico universal. A escrita condicionou a emergência do pensamento racional e crítico.

A revolução industrial colocou em evidência a metamorfose técnica do coletivo humano. Impulsionada pelas demandas do modo de produção capitalista, as mutações incessantes do mundo das telecomunicações e da informática modificaram as relações econômicas, socioculturais, como também as ações cognitivas. Processos econômicos, socioculturais e cognitivos passaram a serem forjados e percebidos sob a lógica de uma matriz de leitura informática; um dispositivo técnico que se torna uma entidade, que desestabiliza o antigo equilíbrio das representações e certezas.

Na medida em que passamos de uma escrita estática para um acervo digital, tornamos a memória social mais rica e dinâmica. Vivenciamos o rompimento da primeira universalidade, de caráter imperial, conquistada pela escrita e pela impressão, que se impunha sobre uma diversidade cultural, afirmando-se pela totalização, extensão e manutenção de sentido único.

As tecnologias digitais ampliam, exteriorizam e transformam a memória, permitindo a exteriorização da imaginação e das experiências de pensamento. Saberes produzidos e explorados de forma interativa têm nas ferramentas da Internet seus mais poderosos dispositivos técnicos.

As ferramentas da Internet têm se caracterizado por um conjunto de serviços *online* que potencializam formas de publicação, compartilhamento e organização de informação,

ampliando espaços de interação humana e projetando uma contemporânea interface que se convencionou chamar de Web 2.0. Vivenciamos uma *transformação cultural* (JENKIS, 2009) na medida em que somos incentivados a buscar informações dispersas em diferentes mídias e a estar permanentemente conectados, enfim, a participar.

A rede mundial de computadores na perspectiva da Web 2.0 inaugura a *Era do Usuário*, a da *Geração Interativa*, produzida sob a lógica do conceito da inteligência coletiva e explicitada pelas múltiplas possibilidades de partilha e cooperação. O avanço das tecnologias de informação e de comunicação tem operado, conforme Primo (2010, p.23), como um “[...] fermento para experiências tecnológicas”, pois é no contexto da Cultura da Participação que as ações em rede e a produção colaborativa têm suas condições de possibilidade potencializadas”.

Para instituir a Cultura da Participação e da Cooperação as ações humanas necessitam ser pautadas no diálogo. Essa contemporânea matriz cultural é conquistada quando cenários socioculturais, em especial, a escola, projetam espaços de partilha e de construção de saberes.

Desde o final da década de 1980, as instituições educativas têm buscado uma aproximação com os saberes e a materialidade das tecnologias digitais. Nesse processo histórico por meio do qual surge e se expande a informática educativa teve sua configuração tecnológica baseada, como analisa Conforto (2014), na Lógica da Escassez: o panorama de poucos computadores e muitos alunos que acabou por impor a necessidade de um contato reduzido com os recursos digitais, em dias e horários específicos, em uma sala especialmente guardada e protegida – o Laboratório de Informática.

A Rede Marista vem promovendo, gradativamente, um novo desenho para a inserção da tecnologia. O Laboratório de Informática, o lugar de excelência para o computador, começa ser questionado e com ele a supremacia para a relação tecnologia-estudante regida pelo princípio da escassez. Uma configuração tecnológica vem sendo projetada com a chegada dos dispositivos móveis, das lousas interativas, deslocando para a sala de aula e para as mãos dos estudantes a tecnologia colocada até então sob a tutela do professor.

Entretanto, o novo desenho que irá marcar a presença da tecnologia na escola perderá muito de seu sentido se não desenvolver em seus estudantes um conjunto de habilidades que lhes possibilitem vivenciar como protagonistas os benefícios da Cultura da Participação. São inúmeros os espaços socioculturais que permitem instituir práticas de colaboração e de autoria. O Colégio Marista Assunção, para ilustrar um exercício de partilha de ideias e de desenvolvimento do pensamento argumentativo, apresenta uma prática de utilização de uma ferramenta usual em ambientes de Educação a Distância (EAD), mas pouco explorada na educação básica - o *fórum de discussão*.

SEGUNDA APROXIMAÇÃO: A GEOGRAFIA ESCOLAR, ENTRE A TRADIÇÃO E A INOVAÇÃO NA SOCIEDADE DO CONHECIMENTO

No cenário dinâmico e desestabilizador das contemporâneas tecnologias digitais temos incluída a Geografia escolar. Não é segredo que esse componente curricular, ao longo da sua história pedagógica, desenvolveu-se à sombra de rótulos. Muitas vezes taxada de maçante, outras exercendo uma atividade descritiva que evocava a prática mnemônica entre o público discente. Falar da Geografia no meio escolar era discursar a respeito de momentos chatos e sem emoção. O embate entre a tradição e a inovação passou a ser colocado em discussão nas agendas educacionais quanto à presença do saber da Geografia no tempo e no espaço escolar.

O professor de Geografia, na contemporaneidade, não tem como fugir dessas heranças históricas. Ao mesmo tempo em que ele precisa buscar ultrapassar as didáticas que se ancoram em uma ciência descritiva, por outro lado ele sabe que romper com as marcas deixadas pela Geografia escolar tem que ser um ato realizado com muito cuidado. Se o educador prefere manter a prática tradicional-positivista, corre o risco de ser “engolido” pelos arredores escolares, constituídos por novas tecnologias e múltiplas trajetórias. No entanto, se esse mesmo professor rompe com a tradição materializada e aposta na suposta “inovação” pedagógica, provavelmente encontrará freios postos pela instituição escola e pelos próprios alunos, que carregam e reproduzem uma herança

escolar que Freire (2011) já caracterizou como uma educação bancária, na qual prevalece a avaliação classificatória, ancorada na monológica, que é caracterizada por um único saber.

Não existem soluções mágicas ou vias únicas para se seguir. Não há como adotarmos uma só perspectiva pedagógica em sala de aula, seja ela “tradicional” ou “inovadora”. Temos uma forte tendência de engavetar saberes, propostas e discussões. Se a vida no século XXI não funciona assim, muito menos a escola. E nela que está o educador, e que tem como responsabilidade, antes de qualquer coisa, refletir quais instrumentos são capazes de auxiliar na construção do conhecimento na escola. O cotidiano docente deve olhar para o futuro, mas não pode negligenciar o passado.

Trouxemos a reflexão para os dias atuais. Devido à compressão espaço-temporal realizada pelo universo da comunicação, o século XXI nos proporciona que os movimentos da história corram diante dos nossos olhos praticamente em tempo real. O mundo dos instantes nos possibilita perceber os fatos sociais numa velocidade talvez nunca antes imaginada. Morin (1986) escreve que vivemos no contexto de superinformações, devido ao fato da quantidade de dados e elementos que possuímos no cotidiano. Entretanto, para Morin (1986, p.31) essa mesma perspectiva engendra um planeta envolto em nuvens, visto que a superinformação caminha em velocidade simultânea com a subinformação, evocando um processo no qual “[...] ao invés de ver, de perceber os contornos, as arestas daquilo que os fenômenos trazem, ficamos cegos dentro de uma nuvem de informação”. Harvey (2012, p. 315) é ainda mais contundente: “A informação excessiva é uma das melhores induções ao esquecimento”. A compreensão dos fenômenos depende não da quantidade de informações, mas da capacidade de decifrá-las, o que se trata de uma competência de relevante complexidade.

A superinformação, nesse sentido, pode ser inclusive uma ferramenta pela qual instituições como a mídia conseguem produzir subinformação e desconhecimento. Santos (2012, p.79) escreve que, intermediada pela mídia, a percepção do espaço é truncada, alienada e parcial, pois “[...] ao mesmo tempo em que o espaço se mundializa, ele nos aparece como um espaço fragmentado [...]”. Nessa esfera, o “encolhimento” do mundo pelo avanço da tecnologia é prejudicado pela ausência de compreensão da realidade. Para

Morin (1986, p.55), a rede de possibilidades que a mídia engendrou fez com que, paradoxalmente, “[...] esse progresso na informação e no conhecimento seja a causa do progresso da deformação e da ignorância”. De acordo com Harvey (2012, p.63), na mesma linha de raciocínio, trata-se da valorização mais das “[...] superfícies do que às raízes, à colagem em vez do trabalho em profundidade, a imagens citadas superpostas e não às superfícies trabalhadas, a um sentido de tempo e de espaço decaído em lugar do artefato cultura solidamente realizado”. Assistimos ao triunfo da estética em detrimento da ética, à redução dos significados em prol dos significantes, ensejando um poder representacional que “[...] pode terminar tendo tanta relevância quanto o poder sobre a materialidade da própria organização espacial” (HARVEY, 2012, p. 213).

É uma perspectiva que influencia na construção dos meios de comunicação, ao mesmo tempo em que esses produzem um novo meio social. Se a escola sofre de uma crise de profundidade, talvez seja porque não consegue trabalhar com o conhecimento de um mundo de muitas informações. E o seu sentido na vida do público discente, não podemos negar, é substancialmente prejudicado. Contudo, por outro lado, vimos que entre a informação e o conhecimento, existe um abismo de problemas e incertezas e, por meio dessa fissura, pode forjar-se o processo de estabilização da escola.

MATERIAIS E MÉTODOS

Para construir uma das possíveis respostas dificuldade da escola em trabalhar conhecimento de um mundo de muitas informações, a aproximação entre os saberes e a materialidade das tecnologias digitais e da Geografia escolar foi impulsionada por meio do uso de uma ferramenta de partilha e de construção de conhecimento, o fórum de discussão.

Um fórum de discussão configura-se como um recurso para promover um diálogo mais organizado entre seus participantes, permitindo a partilha argumentos em um contexto de interação *online*, na qual possibilita um imbricamento das funções de emissor e de receptor de informação e que pela possibilidade do comentário, substitui o tradicional

fluxo de comunicação *um para todos* da aula expositiva para instituir o diálogo e a colaboração de *todos para todos*. Como interface tecnológica desta pesquisa, foi escolhida da ferramenta fórum da plataforma *Moodle* disponibilizada para os estudantes dos anos finais do Ensino Fundamental e para todo o Ensino Médio.

Metodologicamente, caracteriza-se como uma pesquisa de abordagem qualitativa, empregando a técnica de análise textual discursiva. As aulas de Geografia do 3º Ano do Ensino Médio, do Colégio Marista Assunção, rede escolar de abrangência nacional e internacional, configurou-se como cenário de pesquisa. A análise dos resultados da pesquisa foi conduzida para dar visibilidade às reflexões produzidas a partir dos fragmentos discursivos postados pelos estudantes no fórum de discussão, como também, pela sua percepção em relação aos limites e às possibilidades do uso da tecnologia como recurso de partilha e de cooperação na construção no campo de conhecimento da Geografia.

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

A análise e discussão dos dados buscou mapear os limites e as possibilidades da ferramenta assíncrona em operar como uma interface de redação coletiva e partilhada de percepção e de saberes. Fórum de discussão, geralmente desconsiderado como uma tecnologia para a Educação Básica, tem suas possibilidades de engendrar novas formas de trabalho compartilhado e cooperativo, desperdiçadas pela escola, a instituição que vive a crise de produzir conhecimento em um mundo de muitas informações.

A proposta de utilização do fórum de discussão foi coordenada nas aulas de geografia e desenvolvida com estudantes do 1º, 2º e 3º anos do Ensino Médio. Foi desenhada a partir de uma conversa com a equipe de tecnologia educacional como forma de sistematizar conhecimentos trabalhados ao longo de 1º trimestre. Para cada ano do Ensino Médio, foi organizada uma apresentação com os principais conceitos trabalhados, lançando, ao final, três questões para mediar o debate. Cada estudante teve que se

posicionar frente a cada questão e, também, de maneira argumentativa, defender diferentes pontos de vista.

Para o 3º ano, uma das questões propostas pelo professor para conduzir o debate foi o contexto político, social e econômico do Brasil na época do Regime Militar (1964-1985). O critério de seleção dessa temática foi estabelecido por acreditarmos que, à luz da globalização na qual nós vivemos, é contraditório identificarmos, na escola e em outros espaços sociais, uma notável dificuldade das pessoas em perceber de maneira crítica e reflexiva o mundo ao redor, fazendo com que seus “óculos” perceptivos sejam, muitas vezes, filtrados por instituições midiáticas. Como analisa Guareschi (2004, p.176), a realidade na qual vivemos é construída socialmente pela mídia, até porque muitos fatos sociais só passam a existir quando aparecem nos meios de comunicação.

No contexto da história brasileira e partindo de tal premissa, o golpe de 1964, para Silva (2013, 2014), evoca uma série de exemplos abundantes da força dos meios de comunicação em agir de maneira ideológica, ou seja, em construir e veicular uma série de informações para estabelecer relações de poder e de interesses particulares. Em recente trabalho, Silva (2014) realiza uma investigação histórica nos principais veículos midiáticos da época, na qual apresentava chamadas e editoriais plenamente ideológicos, que desconstruíam a imagem de João Goulart e ajudavam a preparar o terreno para a ação militar, reafirmando a perspectiva do golpe de 1964 não só civil e militar, mas também midiático. Em um contexto no qual 70% da população brasileira era constituída de analfabetos, os meios de comunicação conquistaram importância na imposição e no posterior estabelecimento do regime militar no Brasil.

Na figura 1, apresentamos a organização da atividade na Plataforma *Moodle* para a produção e gerenciamento do debate: (1) arquivo com a retomada dos aspectos mais significativos discutidos no decorrer do trimestre a respeito desse período da história brasileira; (2) vídeos postados no *YouTube*, disponibilizados no ambiente virtual para encerramento da atividade: o primeiro, com reportagens vinculadas pela imprensa no período do golpe militar; o segundo, com o pedido de desculpas da Rede Globo pelo apoio dado à “Revolução de 1964”.



Figura 1: A organização do debate na Plataforma Moodle.

Por ser a primeira experiência dos alunos com a proposta de debate *on-line* e por conduzir três linhas de discussão, foram abertos espaços específicos para cada turma (Figura 1 - 3), o que permitiu otimizar e qualificar a interação dos participantes. O quadro 1 apresenta um recorte da troca de ideias entre os estudantes em relação à pergunta que conduziu o primeiro eixo de discussão: *Com a globalização atual, a mídia conseguiria manipular a população da mesma forma que em 1964? Por quê?*

Re: Fórum de discussão - Questão 1
 por **H. M. R.** - quarta, 4 junho 2014, 08:41
 Da mesma forma não, pois vivemos hoje a liberdade de expressão, que não existia no período da ditadura de 1964. Atualmente, temos mais acesso a diversos meios de informação, com diferentes abordagens. Em 64, o pensamento divergente era reprimido, entretanto isso não exclui o fato de que a mídia ainda manipula nossos pensamentos, gostos e versões sobre os fatos.

Re: Fórum de discussão - Questão 1
 por **G. C. C.** - quarta, 4 junho 2014, 08:58
 Meios de comunicação influenciam sim a manipulação do que é noticiado. As diferentes mídias servem para ampliar a consciência política, mas também para manipular opiniões. Portanto, eles influenciam nossa vida, seja para manipular ou para conscientizar. Contudo, pela facilidade da informação, a maioria das pessoas não se dá ao trabalho de procurar a fundo a verdade sobre aquilo que é informado e, automaticamente, inferem que elas estão corretas, estando ou não.

Quadro 1: Recorte da troca de ideias dos estudantes do terceiro ano do Ensino Médio

O desenvolvimento cognitivo dos alunos, dentro da perspectiva que almejamos alcançar, foi potencializado pela possibilidade de mediação com o recurso do fórum. Pela função mental superior exercida pela linguagem na estruturação do pensamento, os estudantes desenvolveram habilidades cognitivas para ordenar e posicionar conhecimentos, para construir novos saberes, conduzidos pela argumentação. A proposta mediada pelo fórum não somente destaca a possibilidade de uso da tecnologia disponível nas escolas, como também ratifica a necessidade de planejamento da ação pedagógica para a concretização dos objetivos.

A organização do pensamento, igualmente, se deu pelo processo que Piaget (1983) chama de cooperação. Para esse autor, tal dinâmica do pensamento trata-se da discussão travada objetivamente, que traz a necessidade da colaboração e da troca de ideias, que se traduz na necessidade de verificação e demonstração. A sociedade, entretantes, age como um alimento que anima e entretém o jogo mental de cada sujeito, o qual, escreve Piaget (1983, p.166) “[...] relaciona e representa a reciprocidade entre as diversas atividades”, ratificando a importância do intercâmbio entre o sujeito e a vida social para que haja coerência entre as operações.

A análise da autonomia construída por parte dos estudantes atesta a relevância de se instituir “espaços de escuta”. As palavras de Guareschi (2011, p. 149), nesse sentido, são elucidativas: “[...] uma escola que não pratique a comunicação, que não leve os educandos a serem sujeitos de comunicação, é uma escola fracassada. Forma robôs, autômatos, mas não sujeitos”. Esse processo pode ser facilitado e potencializado com a apropriação de ferramentas digitais presentes no espaço digital/virtual da escola.

Não basta o acesso aos recursos tecnológicos. A nossa postura tem que ser flexível. Quando adotamos uma postura flexível e atenta ao redor escolar, o que parece escondido, emerge. A trajetória pedagógica se constrói e se redefine em cima de outras inquietudes, novos anseios. Uma miríade de possibilidades pode ser evocada pelo ensino de Geografia quando os olhos são direcionados para as novas tecnologias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A geografia escolar, quando está atenta ao seu redor e dialoga com outros recursos, como as novas tecnologias, pode tornar-se um elo pelo qual o conhecimento sobre a mídia e a sociedade é realizado e redefinido, engendrando outras formas de comunicação. É preciso acreditar no papel da escola e do ensino de Geografia enquanto instituição e disciplina que constroem conhecimento e contextualizam o currículo dito “oficial” com o espaço geográfico que, nesse caso, é socialmente construído pelos meios de comunicação.

Pelo debate mediado pelo fórum de discussão, uma forma diferenciada de pensar a leitura e a escrita no contexto escolar, em especial por trazer o encanto da possibilidade de: (1) fazer o uso da palavra, para passar da posição de objeto para a de sujeito da ação; (2) apropriar-se das ferramentas computacionais para conquistar o poder de expressar-se, comunicar-se, projetar-se, num processo permanente de exposição ao outro; (3) inventar novas maneiras para jovens estudantes encontrem sua voz; (4) de instituir e valorizar tempos e espaços de conquista da palavra, pois é por meio da linguagem argumentativa que estruturamos nosso pensamento e, conseqüentemente, aprendemos.

Fóruns de discussão podem operar como catalisadores de ações pedagógicas para forjar sujeitos de linguagem pró-ativos e críticos, com habilidades para se beneficiar das inúmeras possibilidades da contemporânea Cultura da Participação. A educação, embora nos tentem fazer acreditar que tem como objetivo munir o cidadão de ferramentas para a competição no mercado de trabalho, tem como pressuposto imprescindível formar sujeitos que se situem corretamente no mundo e influenciem positivamente no aperfeiçoamento da sociedade. Por trabalhar sob os conceitos de autonomia e protagonismo e por exigir competências no âmbito da leitura, da escrita e da capacidade de argumentação de seus estudantes, vivenciamos uma ação da prática e da gestão pedagógica de *presentificação do futuro da Educação*.

REFERÊNCIAS

- CONFORTO, D. Um exercício na cultura da participação. In: DANTAS, L.G.; MACHADO, M.J. (orgs). **Tecnologias e Educação: perspectivas para gestão, conhecimento e prática docente**. São Paulo: FTD, 2014. p. 161 - 168.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 50ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011.
- GUARESCHI, Pedrinho. A mídia em Porto Alegre. In: DORNELLES, Beatriz (org.). **Porto Alegre em destaque: História e Cultura**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.
- _____. **Sociologia crítica: alternativas de mudanças**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2011.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna: uma pesquisa sobre as Origens da Mudança Cultural**. São Paulo: Edições Loyola, 2012.
- JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. São Paulo: Aleph, 2009.
- MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- SANTOS, Milton. **O Espaço do Cidadão**. 7ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.
- PIAGET, Jean. **Psicologia da Inteligência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1983.
- PRIMO, Alex. Crítica da cultura da convergência: participação ou cooptação. In: Elizabeth Bastos Duarte, Maria Lília Dias de Castro. (Org.). **Convergências Midiáticas: produção ficcional - RBS TV**. Convergências Midiáticas: produção ficcional - RBS TV. Porto Alegre: Sulina. 2010.
- SILVA, Juremir Machado da. **Jango: a vida e a morte no exílio**. Porto Alegre: L & PM, 2013.
- _____. 1964. **Golpe midiático-civil-militar**. Porto Alegre: Sulina, 2014.